

**Para esfregar os olhos: reflexões
sobre os levantes históricos ou
cotidianos nas imagens da Amazônia**

*[To rub your eyes: reflections on historical
or everyday revolts in the images of the
Amazon region]*

REVISTA
com **política**

Revista Compolítica
2022, 12 (2), p.183-188
compolitica.org/revista
ISSN: 2236-4781

DOI: 10.21878/compolitica.2022.12.2.644

Resenha do livro “Imagens da resistência: dimensões estéticas e políticas”,
organizado por Leandro R. Lage.

Angela Nelly dos Santos Gomes

Universidade Federal do Pará (UFPA)
[Federal University of Pará]

Resumo

O livro “Imagens da resistência: dimensões estéticas e políticas”, organizado por Leandro R. Lage (EDUFBA, 2021) é uma coletânea concebida para pensar a Amazônia e seus levantes históricos ou cotidianos a partir das múltiplas potencialidades expressivas das imagens. Agrega textos de autores da Amazônia e de outras regiões, que em comum têm a pesquisa ou a reflexão da imagem e suas afetações confrontadas com o tema da resistência, das insurgências ou dos levantes. Reflexões que compreendem a imagem em relação com as lutas políticas para além da dimensão do registro e da representação, como expressividade de múltiplas sensibilidades.

Palavras-chave: imagem; resistência; levantes; Amazônia.

Abstract

“Images of resistance: aesthetic and political dimensions”, organized by Leandro R. Lage (EDUFBA, 2021) is a collection created to think about the Amazon and its historical or everyday upheavals based on the multiple expressive potentialities of images. It brings together texts by authors from the Amazon and other regions, who have in common research or reflection on the image and its affectations confronted with the theme of resistance, insurgencies, uprisings. Reflections that understand the image in relation to political struggles beyond the dimension of registration and representation, as an expressiveness of multiple sensibilities.

Keywords: image. resistance. upheavals. Amazon region.

Para esfregar os olhos: reflexões sobre os levantes históricos ou cotidianos nas imagens da Amazônia

Angela Nelly dos Santos GOMES

Resenha do livro “Imagens da resistência: dimensões estéticas e políticas”, organizado por Leandro R. Lage.

Pensar a Amazônia e seus levantes históricos ou cotidianos a partir das múltiplas potencialidades expressivas das imagens é a essência de “Imagens da resistência: dimensões estéticas e políticas”, livro organizado por Leandro R. Lage. A obra constitui-se como uma coletânea de textos criados como e para reflexão sobre a imagem para além da dimensão da representação, na compreensão de que “a relação das imagens com as revoltas enquanto lutas políticas transcende a ordem da expressão mimética, do registro e da representação, alcançando outros aspectos da inscrição visual, cultural e histórica.” (LAGE, 2021, p.14)

Forjada no âmbito do projeto de pesquisa “Levantes amazônicos: dimensões estéticas e políticas das imagens da resistência”, coordenado pelo organizador do livro e desenvolvido por pesquisadores da Universidade Federal do Pará (UFPA) e da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), a obra agrega textos de autores da Amazônia e de outras regiões, que em comum têm a pesquisa ou a reflexão da imagem e suas afetações ou implicações confrontadas com o tema da resistência, das insurgências ou dos levantes. Assim, resistência é palavra, conceito e sentido-chave a perpassar toda a obra. Tema que está no cerne das discussões contemporâneas em diversos âmbitos, mas que ganha ainda mais relevância no contexto político-econômico-social por que passa o país nos últimos anos. Contexto em que o sentimento, o desejo e as experiências de resistência parecem tomar mais concretude e premência diante dos ataques, ameaças e desmontes das estruturas nas quais se situam o sistema de democracia e direitos no país, e que tem atingido tão drasticamente a Amazônia e seus povos originários e tradicionais em seus território e modos de vida. Mais do que nunca as imagens, potencializadas pela mediatização do contemporâneo, têm papel de destaque nas manifestações de tais sentidos de insurgência.

A contribuição desta obra interdisciplinar também se situa na proposta de pensar as imagens de resistência desde o campo da Comunicação, mas em diálogo com outros campos de conhecimento

como a Sociologia, Antropologia e História. É dividida em três partes que somam quinze capítulos escritos por 23 autores e mais alguns colaboradores. Uma obra de fôlego, cuidadosamente distribuída em 383 páginas. Mas tal fôlego não se dá pela extensão e sim pela profundidade e multiplicidade de olhares trazidos para a discussão, deixando claro que o tema é tão complexo quanto heterogêneo.

Na primeira parte do livro, “Sensibilidades insurgentes”, seus quatro capítulos situam o/a leitor/a no cerne da discussão teórica do regime da imagem e da visualidade versus os sentidos ou gestos de sublevação a partir de conceituações e contribuições de autores referenciais como Georges Didi-Huberman, Michel Foucault e Jacques Rancière. O capítulo inicial traz o artigo “Tornar Sensível”, do próprio Didi-Huberman, inédito em português, tradução do texto *Rendre sensible*, publicado originalmente no livro *Qu’est-ce qu’un peuple?* (DIDI-HUBERMAN, 2013). Nele, o pensador francês discute o sentido estético e político da representação, das emoções, das imagens na esteira do conceito de imagem dialética de Walter Benjamin, com suas características ambíguas, antagônicas ou paradoxais, para tornar sensível/acessível além do que é mostrado ou do que se quer mostrar.

E nesse caminho de pensar as imagens em sua dialética em diálogo com conceitos seminais, os demais capítulos dessa sessão se desenvolvem: Vera Casa Nova discute o conceito de gesto diante de manifestações e imagens de levantes, a partir de Georges Didi-Huberman e Peter Pal Pelbart. Leandro R. Lage analisa a contribuição de Michel Foucault para pensar as sublevações. Ângela Marques, Angie Biondi e Luis Mauro Sá Martino discutem conceitos e modos como Rancière questiona a estética da representação nas diversas linguagens artísticas.

A segunda parte, “Sublevações na Amazônia”, traz oito capítulos que analisam momentos ou acontecimentos-levantes contemporâneos ou do passado no contexto amazônico, que refletem a longa história de colonização e colonialidade, de exploração e expropriação a que a região tem sido submetida, e como as imagens operam para reforçar ou questionar tal contexto. Da Cabanagem à Guerrilha do Araguaia, da exploração de Serra Pelada aos conflitos no campo, às manifestações dos povos indígenas e quilombolas por direitos ao território e à vida. São reflexões buscam escavar o modo como “as imagens inscrevem o que está dentro e fora da humanidade e como tais imagens podem ser transformadas em imagens-levantes, de modo a recontar a história e refazer a memória”, como escrevem Castro e Guerreiro Neto (p.127) no capítulo que abre a sessão.

Aliás, correndo o risco de ser injusta com os demais autores, apontaria este quinto capítulo, “Levante e Descolonização na Amazônia”, como um ponto de destaque do livro, pois oferece um panorama crítico tão atual quanto desolador das pressões e opressões vividas na Amazônia, que “se atualizam,

mas permanecem atadas à lógica colonial” (p.126). A partir da abordagem crítica decolonial, o texto analisa os processos e as imagens de resistência e de levante no contexto do modelo de desenvolvimento global e imposto à América Latina, fazendo da Amazônia um lugar de disputas, mas também de fenômenos insurgentes que apontam o desejo, o gesto e a luta pela descolonização e libertação como movimentos tão contemporâneos quanto ancestrais.

Na terceira parte da coletânea, “Transgressões do ver e do mostrar”, os três capítulos se dedicam a refletir sobre as expressividades visuais a partir das imagens jornalísticas e da fotografia, em suas variadas possibilidades de contestação.

Não obstante o foco na Amazônia, outro dos méritos da obra talvez seja engendrar um novo olhar na discussão e estudo sobre imagem, que seja útil não apenas no contexto amazônico, mas em qualquer lugar marcado pela ferida colonial, pelas marcas da violência deixadas pelas diversas formas de manifestação da colonização.

Nesse sentido, a obra em si também pode ser vista como um gesto insurgente, pois ousa inscrever no campo científico e acadêmico uma abordagem outra sobre a Amazônia e suas imagens. Pensar as imagens e seus levantes da/sobre e desde a Amazônia é também uma forma de questionar o pensamento sobre a região, reivindicando um lugar de enunciação no processo de produção de conhecimento, na esteira da “geopolítica do conhecimento” preconizada por Walter Mignolo.

Este autor argumenta que a lógica imperialista/colonialista está no cerne da questão da produção de conhecimento no mundo, pois “os loci de enunciação geo-históricos e biográficos foram localizados pela e através da criação e transformação da matriz colonial de poder”, a lógica que sustenta e legitima a ordem mundial do sistema-mundo capitalista (MIGNOLO, 2021, p. 26). Essa lógica faz com que os locais fora do cenário da enunciação, principalmente os espaços geo-historicamente marcados - tal como a Amazônia - sejam classificados como “lugares de não-pensamento”. Um estigma que não raro afeta e atravessa a Amazônia em sua longa história, mas que esta obra vem afirmar o contrário.

Referências

LAGE, Leandro R. (Org). *Imagens da resistência: dimensões estéticas e políticas*. Salvador: EDUFBA, 2021. 383 p.

MIGNOLO, W. D. *Desobediência Epistêmica, Pensamento Independente e Liberdade Decolonial*. Tradução de Isabella B. Veiga. *Revista X*, [S.l.], v. 16, n. 1, p. 24-53, fev. 2021. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/78142>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

Sobre a autora

Angela Nelly dos Santos Gomes é professora assistente do bacharelado em Cinema e Audiovisual, da Universidade Federal do Pará (UFPA) e doutoranda no Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia na mesma instituição. E-mail: anelly@ufpa.br.

Data de submissão: 01/10/2022

Data de aprovação: 06/12/2022